

Entrevista ao Sr. António Coutinho

1H04m

“...meus meninos e minhas meninas, eu também tive o prazer de andar nesta escola. Não a escola como está hoje, era outra escola mas muito mais pobre,... esta já estava rica. Não fui mais longe porque os meus pais já não tinham, os meus pais não tinham posses, fui obrigado a sair da escola para angariar pão para mim e para mais oito irmãos que ainda tinha. Andei por meio do centeio apanhar..., também andei pelo minério, andei... em cima de uma roda a puxar água para outras mulheres ... a terra à

caleira, andei a pedir, tinha aqui 3 casas na freguesia onde pedia, que uma era da avó da Clara, a Salvadeira, outra era aqui do tio Crasto e outra era a tia do Martins, eles já sabiam o que eu queria, cada uma dava-me para 2 dias para mim e para os meus irmãos e para a minha mãe, uma broa de pão e mais alguma coisa. E um celebre dia a minha tia não tinha pão pa me dar, sentou-me a cavalo dum banco que tinha, que 2 ceiras de figos que havia de 15 ou 20 kilos de figos, sentado ali tanto mastiguei que até me doíam as cachadas. Fica aqui esta história da pedincha.”

[Os pequeninos estavam a pensar em algumas perguntas relacionadas com o rio, com a travessia do rio, porque o Sr. António vive mesmo em frente ao rio e tem muitas coisas para vos contar, coisas que aconteceram naquele tempo, e hoje esta travessia do rio já não se faz, as pessoas quando querem ir para o outro lado do rio, para a margem direita, vão de carro, atravessam a ponte, mas antigamente íamos de barco, e o sr. António acompanhava o tio Manuel que era barqueiro, que era irmão do meu falecido pai. O Sr. António é sobrinho de um barqueiro, que transportava as pessoas de um lado para o outro]

[Que idade tem?]

“81 anos. Nasci no dia 8 de Fevereiro de 1930”

[Que peixe costuma haver no rio?]

“O barbo, tainha, o escalo, o enguio, a lampreia, a truta”

[Andava de barco?]

“Sabe como é que se andava de barco no meu tempo? Não era de remos, era um barco muito grande, que levava talvez umas 20 pessoas e era puxado por uma vara, metia-se a vara ao fundo para puxar o barco, e depois também se podia andar a vela quando havia tempo.”

[Quanto tempo demorava a chegar ao outro lado da margem?]

“5, 7 minutos”

[E quando andava de barco a chover?]

“Tinha de se andar a chover”

[As pessoas ficavam todas molhadas, levavam guarda-chuva, não?]

“Quando saia à vela, quando andava de barco à vela,.. aquelas ondas, que o rio estava cheio...”

[O que é que levavam as pessoas que atravessavam, levavam alguma coisa com elas?]

“Nos dias de feira de Lanheses, que era só de 15 em 15 dias, vinha essas gentes ali do lado de Anha e Chafé, Vila Fria, Amorosa, vinham com umas hortaliças, faziam umas coisas muito grandes, uns capechos muito grandes nuns carrinhos, vinham nuns carrinhos de duas rodas, com carroças de cavalos, que ainda hoje existe lá umas argolas onde eles os burros... e haviam uns bancos em pedra que tinham umas caçolas, não eram caçolas eram buracos, umas pias que era dos burros comer e beber, enquanto eles ficavam ali presos.”

[Temos que ir lá ver, tem lá umas argolas]

“Onde é a garagem...aquilo era aberto, era tudo aberto, desde o meu tio Joaquim até lá dentro ao teu pai, onde era o Vidal, aquelas varandas eram todas abertas, encostado aquele muro, naquelas varandas tá tudo cheio de argolas,... aqueles bancos de pedra, com aquelas gamelas dos burros comer e beber que inclusivamente o caminho de Ponte de Lima não era por aqui, o caminho de Ponte de Lima era todo por ali..”

[Era por onde?]

“O caminho de Ponte de Lima era todo.... do rio, não havia aqui estrada, não havia aqui caminho na altura, não havia, no meu tempo já havia.”

[Isto à quantos anos?]

“Ora bem eu só me lembra, ora portanto eu só me lembra do barco, em 66 ainda existia, em 1966 ainda existia, porque eu casei em 1957, e, nessa altura, casei em 57, de 56 a 57 tive um filho cheguei a ter uma fotografia do meu Carlos dentro do barco de passagem”

[Nós podemos ver essa fotografia?]

“E agora! E que é que leu fiz...”

[Não tem nenhuma fotografia?]

“Não não tenho, quem deve ter uma fotografia do barco deve ser Arminda ou a Rosa, mas a Rosa tem, ela tem a fotografia do barco, eu sei que tem. Mas pode-se arranjar através da Rosa, através dela pode-se arranjar a fotografia. Ainda hoje falo com ela,

tenho o telefone dela e vou telefonar pra ver se ela me arranja a fotografia, depois eu comunico”

[Quando você nasceu ainda havia guerra?]

“Á pois havia, devia ser em 1939,... eu nasci em 30 devia ter eu 9 anos”

[Exatamente, é a Segunda Guerra Mundial]

“Tivemos aqui gente que foram guerreiros lá, e o meu tio Manel também foi à guerra de França, também estive lá na guerra de França..., eu de histórias nunca fui famoso, mas há coisas que eu de memória graças a Deus tenho sido muito forte, muito bom mas dessas histórias até na escola não gostava”

[Lembra-se mais...]

“Era forte mas era em matemática, no meu tempo... a professora reunia os alunos ia-se para a tabuada...”

[Você quando ia para a escola ia a pé?]

“Sempre a pé. Sabes qual era a minha saca da escola? A minha pasta da escola? Era uma saca de linhage, uma saquinha feita dum saco de linhage, era a minha pasta da escola”

[Em que ano você nasceu?]

“1930. Mas essa história do barco ainda havia outro barco maior, havia dois barcos, aqui havia 3 barcos. Havia um barco em Deão, havia outro aqui e havia outro em Pessegueiro que era o barco do Dias. De princípio este barco tinha uma arrematação anual, ia a concurso e aquele que desse mais é que explorava o barco.”

[Como nos concursos públicos?]

“Era. E então depois surgiu uma senhora que ficou pertença desse barco. Depois o meu tio que concorreu para esse barco, mas para num dar, ela deu uns terrenos, que ainda há terrenos aí mas já não são deles, deu uns terrenos ao meu tio pra passarem gratuitamente dentro de três freguesias que era Santa Maria, Santa Leocádia e Deão”

[A tal história que nos contou avó da Ana!]

“Que era pra essa gente não pagar, porque o meu tio já estava a possuir os bens da tal senhora em troca dos favores da freguesia. Mas depois, a coisa foi, havia pouca gente a passar, não é, havia pouca gente a ser transportada no barco, mas depois a coisa começou a aumentar, aumentar, aumentar, e começou a pagar uma taxa, a cobrar dinheiro para passar, começou por 2 tostões, foi aos 5 tostões e acabou que eu me lembra acabou em 25 tostões, 2 escudos e 50, que era já quanto levava o meu tio.”

[Estes 25 tostões corresponde a que ano, mais ou menos?]

“Quantos anos tem a ponte de Lanheses? Por 30 anos. Porque depois veio a ponte e quando veio a ponte toda a gente ali passava. E como estava dizer o outro barco maior que o meu tio tinha, este pequeno tinha...”

[Os barcos tinham nomes?]

“Tinham uns números que eram a matrícula, não nomes não tinham, ali os nomes que tinham eram o grande ou o pequeno, que o pequeno, por exemplo, era para passar só a gente e atão o outro maior era para passar gado”

[É verdade, como é que passavam as vacas para aquele lado? Porque eu lembro-me quando eu era pequena o meu avô que era agricultor, havia zonas do rio onde as vacas passavam ou a pé ou a nado. Mas aqui faz-me confusão nesta zona porque o rio aqui é mais profundo]

“Mas tinham atão esse barco que era um barco que tinha normalmente 12 metros de comprido e prós animais não escorregarem no soalho, chama-se aquilo a estiva, prós animais não escorregarem nas estivas punha-se mato pra eles não escorregarem, mas passava-se ali animais de todas as pessoas de todas as espécies”

[E era para venda?]

“Era pra venda que era a feira em Lanheses. Passavam uns de manhã pra lá, os que ficavam lá ficavam e traziam outros”

[Compravam outros?]

“...depois foi acabando tudo...”

[...muito movimento, de comércio, de trocas e de movimento e festas, também havia festas..., na passagem, dançaram, cantaram enquanto esperavam]

“Quando houvesse a festa de S. João d’Arga que começavam a passar gentes dali lá pra cima pra S. João d’Arga, ali pelas 11 horas da noite, meia-noite até às tantas da manhã, era tudo a ranchos, tudo em ranchos e concertinas a tocar e depois passavam para cá no outro dia de manhã onde se juntavam depois os que eram daqui da Faixa, de Santa Leocádia, onde se juntavam acolá no soleiro, naquele cruzamento, onde está ali a capela, ali é que se juntavam para fazer os bailaricos, já estavam do lado de cá passavam ali o resto da tarde, o resto do tempo.”

[Quando você chegava atrasado à escola o que é que os professores faziam?]

“Sabes o que é que acontecia, no meu tempo havia um pedaço de madeira, chamava-se a dona aurora era um pedaço de madeira que tinha 5 buraquinhos, 5 furinhos...”

[Ninguém gostava da dona aurora]

“Eu normalmente chegava sempre atrasado, não sei porquê nunca tinha pressa a sair de casa como já sabia que ia levar bolos, que é que eu fazia, com azeite que punha no cabelo, punha nas mãos... que era para não doer tanto”

[À beira do cais do rio havia alguma taberna?]

“Não havia taberna nenhuma, não havia nada ali, havia antigamente uma padeira, ali é que havia uma padeira, na casa grande que era o tio Neu, havia ali uma padeira, foi dai que chamavam aos meus tios Joaquim Padeiro e Manel Padeiro, porque havia ali uma padaria, assim como na vossa quinta havia uma farmácia o que era botica, até dizem que parte da pedra da tua, da mãe da Tiana, tua sogra, parte da pedra daquela casa que era dali da quinta da botica, era uma farmácia, chamavam-lhe a botica”

[Quando você nasceu ainda havia aquele barco?]

“Quando eu nasci ainda havia o barco? ainda, ainda houve muito tempo, ainda houve barco prai 30 anos, ainda puxei lá muito ao barco, cheguei a ter aqui um calo de puxar à vara, encostar aqui a vara pa puxar, cheguei a ter aqui um calo que botava-lhe aqui a mão apanhava-o com a boca, era quase como o peito... Eu também só ia pró meu tio pra andar ao barco era nos s... de Lanheses e quando houvesse festas, porque havia muita gente e eu andava sempre cá atrás, chamavam-lhe a popa ia-lhe dar à proa e a minha prima a Rosa já andava no meio das gentes com a saca...”

[Você também ajudava as pessoas a passar para a outra margem?]

“Ajudava pois, ajudava dentro do barco, eu é que puxava o barco para passarem para o outro lado”

[Quantas vezes faziam a travessia por dia?]

“Ui muitas vezes, muitas vezes, principalmente na altura do minério que eram os trabalhadores que não era só pó minério, era gente do lado de cá que ia ganhar o dinheiro pra outro lado, uns pró minério e outros pra outros serviços. Começava ali pelas 7 horas, pelo menos ali até às 11 horas, quando fosse feira por exemplo, isso então era um vai e vem ai até à 1 hora era sempre vira, vira...”

[E de tarde?]

“Depois de tarde era morto porque a feita também acabava cedo quando fosse 1 hora a feira tava acabada”

[Isto ao sábado?]

“Nos outros dias começava outra vez ali pela tarde, no fim dos trabalhos... passá-los pra cá ai até às 8, 9 horas da noite.”

[Às 7 da manhã para baixo, pró outro lado e para cá. E o minério era recolhido em que zona?]

“Lanheses, o minério era aqui Lanheses e acolá na Serra d’Arga, andei lá eu, no minério. Havia uns poços, faziam uns poços muito fundos, conforme, conforme, às vezes encontrava-se minério quase à superfície, mas geralmente era sempre muito fundo. Houve gente daqui que morreu lá no minério em Lanheses.”

[Como? A fazer as balas?]

“Aterravam, os poços aterravam, e depois não era só aterrar, faziam umas minas porque o espaço depois era pequeno para tirar a terra suficiente p’ra tirar o minério, faziam umas minas p’ra tirar aquela boa que trouxesse o minério.”

[Faziam uma toczinha, não é?]

“É, uma mina e depois essas minas se não fossem bem escoradas arreavam.”

[Você antigamente pescava lampreias?]

“Como os teus avós”

[O Senhor António até chegou a pescar debaixo da casa dele, não foi?]

“Não em cima do cais, em cima do cais”

[Mesmo pertinho da casa]

“Tu lembras-te, eu tinha lá encostado ao cais aquele tabuleiro que tinha feito em madeira, com tábuas, p’ra que, não tinha onde por mato..., p’ra não pôr cá em cima, p’ra alargar depois punha ali. Um ano ou dois, valha-me a verdade, um ano ou dois antes de morrer o tio Lino da Agra, tava eu e ele em cima daquele tabuleiro onde tinha o mato ele com a cana dele e eu com a minha, eu tirei um peixe, tinha enchido o rio à pouco tempo perto da casa.”

[E as cheias iam mesmo até..]

“Naquela casa onde vivo, portanto cá de baixo do solo à minha varanda, até ao soalho tem 2 metros e meio, p’ra ai um metro e meio mais p’ra dentro nós tínhamos animais, onde hoje, por baixo tínhamos animais, vacas, porcos, fomos obrigados a tirá-los porque a água, fomos obrigados a tira-los cá por dentro pelos quintais, pelo vosso quintal, p’ra ir p’ra fora pós quintais dos cozinheiros cá p’ra fora. Ali ao cruzeiro, ali ao cruzeiro bateu a água que vinha pelo caminho da veiga acima, ali ao cruzeiro, beijava-se até água...”

[Isto foi em que ano lembra-se?]

“Ah isto foi muito mais tarde, foi das maiores cheias que me lembro foi essas”

[Isto foi assinalado não? Voçês fizeram marco?]

“Tive lá muito tempo num tranqueiro da porta, marcado com alcatrão mas com o tempo saiu”

[Se formos lá visita-lo podemos por uma marquinha]

“Mais ou menos digo-lhe a altura. Cobriu no meu pátio 7 degraus do pátio. No meu pátio cobriu 7 degraus.”

[Mas foi esta última em 86?]

“Sim. Não sei se foi em 86, lembra-me dessa daquele pátio que dá p’ra minha casa cobriu-me debaixo p’ra cima cobriu 7 degraus”

[Em que freguesias havia o mineiro, o minério?]

“Lanheses, Vila Mou, São Salvador, Meixedo. Era o estanho e o alfranio”

[Sr. António nesse tempo com a procura do minério, vivia-se muito bem quem andava no minério não?]

“Vivia, vivia porque, ora bom, vivia-se bem, não se vivia bem, mas deixe-me que lhe diga havia muita crise, havia muita fome, mas vivia-se.”

[Mas quem andava no minério ganhava muito dinheiro, até fumavam notas]

“Ganhava muito dinheiro. Lembra-me dum que morreu, morreu um indivíduo que uma nota, ora se 20 escudos naquele tempo era muito dinheiro, 500 escudos era um balúrdio. Um senhor que era o aviador, não foi cigarro, foi lá pró meio do mato fazer qualquer necessidade e não tinha outra coisa e pegou numa nota de 500 mirreis e com licença.”

“...ninguém as faça que não as colha, com certeza foi castigo, esse indivíduo senão na miséria, quase na miséria,...”

[... conheceu o Manuel Dias? De Subportela? Ele foi moleiro, ele tinha a sua idade se tivesse vivo]

“Não conheci. Em Subportela que me lembre bem conheci o aquele, o pai... conheci um senhor também que era o pai do Dr. Belo que vem aqui a Geraz do Lima. Conheci esse pai Dr. Belo, que ia p’ra Viana de bicicleta.”

[O meu sogro era o presidente da junta de Subportela, o Manel Dias, ele chegou a ser presidente 2 mandatos.... Ele andava também no minério e depois acho que o encontro era no esteio em Vila Mou, vinham buscar Viana, houve assaltos na altura acho eu, porque as pessoas que esperavam pela carga porque aquilo era tudo contrabando, era arriscado, era um negócio que aquilo era feito de noite, sem luz pública]

“... era carregado nuns saquinhos pequeninos, como se fossem umas saquinhas de adubo pequenas, mas cada saquinha daquelas pequeninas era 50 Kg, 60 Kg aquilo era pesadissimo”

[E então as pessoas sujeitavam-se muitas vezes a ser assaltadas]

“Aparecia muito ouro no minério”

[... era muito arriscado não é? Só que não é compensatório... era arriscado. Quando é que acabou o minério, a procura do minério?]

“O minério foi de pouca dura, durou pouco”

[... Alemanha, ...]

“O minério talvez ali por... mais de 50,..., eu digo por ai mas não tenho a certeza”

[... Guerra de Espanha..., antes da Segunda Guerra Mundial...]

“Eu andei lá, e quando deixei de andar lá já pouca gente... em 1949 fui eu para Lisboa, já tava fraco...1949 fui eu para Lisboa.”

[Já estava fraca. A guerra acabou em 45 a Segunda Guerra Mundial e eu penso que isso deve estar associado à exploração minéria, às necessidades para fazer armas, roupa....]

“É o que eu digo, eu fui p’ra Lisboa em 1949 e a coisa já estava no seu balanço.”

[Foi explorada durante a Segunda Guerra Mundial... aliás nós os portugueses levamos nas orelhas por causa disso, porque todas as nossas reservas foram exploradas para uso d... neste caso Alemanha, porque nós éramos um país que não tomamos partido nessa guerra mas no fundo, no fundo por baixo do pano estávamos a dar as nossas reservas de ouro e outros minerais aos alemães]

[No seu tempo quando você ia de barco pagava-se?]

“Pagava, pouco mas pagava-se, 2 tostões também não era nada.”

[Toda a gente pagava? Ou os habitantes dali de próximo não pagavam?]

“Não, ...como à bocadinho estive a dizer, essas 3 freguesias que não pagavam nenhum... não pagavam nenhum mas depois começou haver muitos concorrentes p’ra passar de

barco começou a... e depois atão uns,... levava a uns e não levava a outros, mas depois começou a levar a todos.”

[Você já combateu na guerra?]

“Não, fui tropa mas não foi na guerra”

[A tropa já era difícil naquele tempo, quantos anos não é como agora 6 meses]

“Foi na tropa que eu fiz a 4ª classe”

[Muita gente fugia das aldeias para não passar fome]

“Já nessa altura se falava que ia fazer falta a 4ª classe p’ra ser empregado e deixa-me aproveitar agora porque mais tarde pode fazer falta e foi a minha sorte, fiz a 4ª classe, tirei a escola de cabos, tirei o curso de fotografia”

[Você quando nasceu andava de barco?]

“Não andei de bois, só muito depois.”

[Você andava em que barco?]

“No pequeno, só andava no barquinho pequeno, à vara, ia pescar lampreias.”

[Pescava lampreia e havia muitas naquele tempo não?]

“Havia lampreias p’ra todos ainda sobravam lampreias, agora são mais os gulosos que as lampreias”

[Qual era o método que usavam para apanhar a lampreia? Era fisgada?]

“À fisga. Como agora ainda é à fisga.”

[Embora alguns ainda apanham é com rede, não é?]

“Rede agora, havia a rede mas era da pesqueira lá p’ra baixo, a rede aqui era só p’ra quando... de noite... existia a pesqueira que eram indivíduos lá de baixo de Santa Marta, de Viana que lançavam a rede lá em baixo, só se apanhava aqui a lampreia depois deles levantarem a rede...”

[Quanto custava uma passagem de barco p’ro outro lado do rio?]

“5 tostões, sabes quanto era 5 tostões?”

[Começou por 2 não é?... Naquele tempo 5 tostões dava para comprar o quê? Um pão?]

“Oh minha senhora lembro-me do pão que se comprava por 2 tostões era maior que este que custa 10 escudos, pão de 2 tostões, havia de 2 tostões, 3 tostões e 5 tostões.”

[E de 2 tostões ainda era maior que hoje?]

“Havia uma sêmea, chamavam-lhe a sêmea que era uma bola grande custava 8 tostões e...”

[Você ia de barco para Viana?]

“P’ra Viana também ia p’ra Viana.”

[Em que dias ia para Viana?]

“Quando havia transportes, quando havia coisas p’ra levar ou trazer, se havia p’ra levar levava-se, levava-se e trazia-se outras p’ra cima... não havia camionetes, nessa altura não havia transportes, não havia carros de carga, isto era tudo feito pelo rio. Os meus tios todos eles tinham barco, tinha o meu pai, o Joaquim e tinha o Manel. P’ra baixo levavam-se rolos, ... e outras coisas, vinhos, ia tudo de barco p’ra Viana. P’ra cima trazia-se sal, trazia-se tudo o que fosse, o próprio fogo p’ras festas vinha no barco, vinha as mercearias, era tudo feito de transporte de barco, tudo, tudo, não havia carros de carga, era tudo feito através de barco.”

[Quando você era da nossa idade havia muitos livros?]

“Muitos livros? Havia sim senhor. Os meus eram emprestados, tinham-mos emprestado quando eu fui p’ra escola, a minha mãe não tinha dinheiro p’ra comprar os livros, fui estudar com livros dos outros.....”

[Que tipo de actividades é que algumas pessoas tinham para além de mineiros barqueiros?]

“Era jornaleiros nas casas vizinhas, a plantar couves, a sachar milho, fazer o que se podia fazer nas hortas, na lavoura, na agricultura.”

[Na sua idade havia a ponte?]

“Não não havia a ponte ainda, a ponte é muito moderna, a ponte foi á 30 anos.”

[Quanto é que vocês recebiam por um dia de trabalho?]

“Já te vou dizer, tenho uma história muito bonita até p’ra te contar, quando eu tinha os meus 20 anos ganhava 20 escudos por dia, 20 escudos. Começava a trabalhar ainda era de noite, ainda era de noite quando começava a trabalhar e largava a trabalhar já via estrelas compreendes? Começava de noite e acabava de noite p’ra ganhar 20 escudos.

[Não havia horas de trabalho, 10, 8 horas... ao meio dia para comer...]

“No tempo em que andava ali a passar o barco o meu tio pagava-me 8 escudos por dia, 8 escudos por dia e comer ao meio dia, era então quanto eu ganhava. Vou então contar

uma história muito bonita, uma história com realidade, história real que essa marcou-me bem, foi quando pensei em casar. Eu nunca fui senhor de ter um tostão no meu bolso, nunca fui senhor porque a minha mãe não tinha e dinheiro no meu bolso não havia. Pronto namorava com a mulher que tenho hoje, pensei em casar e como é que há-de ser, como é que não há-de ser, pensei num individuo que era amigo dos meus pais, inclusivamente ainda era nosso parente, que era o Armando Barros que era o pai daquele que estava na casa do povo, e então fui-lhe bater, fui-lhe pedir se ele me fiava no banco 1000 escudos, em 1956, 1000 escudos era muito dinheiro, ora eu ao pensar nisso vou receber um dissabor porque vou-lhe pedir p'ra me fiar 1000 escudos e vou receber um não. Pronto lá resolvi, um dia apanho-o em plena Praça da República em Viana, fui ter com ele e falei ao Sr. Armando queria-lhe pedir um favor, e que queres rapaz? Queria porque o senhor me fizesse o favor de me fiar no banco em 1000 escudos. Não, não te fio. Minha senhora se eu tinha pouco sangue naquela altura fiquei sem nenhum. Mas, botou-me assim a mão por cima do pescoço, levou-me para o café que ainda hoje me parece é o café Américo, sentou-se, sentei-me à beira dele, ele pediu um café, e tu qué que queres? mandou vir uma meia de leite, foi quando eu fiquei a saber o que era meia de leite, não se se era 8 tostões ou 6 tostões pagou o café e pagou a meia de leite. Diz ele assim, olha afinal é 1000 escudos que tu queres? É mas o senhor já disse que não me emprestava, botou a mão assim ao bolso, isto é como quem se confessa, botou a mão assim ao bolso, tinha uma carteira parecia uma carteira de contratadores, com uma fita enrolada, tirou uma nota azul, parece-me que a estou a ver, olha ta aqui 1000 escudos, ficas a saber que mos debes vais-me pagar estes 1000 escudos conforme tu puderes, não te digo quando, se eu morrer não me debes nada, se tu morreres também não me debes nada, só quero que fiques a saber que enquanto formos vivos me debes esses 1000 escudos. Paguei-lhe depois comecei a trabalhar ganhava então 400 escudos por mês.”

[Mas em que ano Sr. António?]

“56, 1956, 400 escudos por mês.”

[Mas a fazer o quê Sr. António?]

“Cobrador de camionetes.”

[Melhorou então o seu emprego]

“Melhorou, por ai melhorou, fui empregado da Auto Viação Cura 39 anos.”

[Como é que entrou lá na Auto Viação Cura?]

“Foi através do sogro do pai do Faria, que ele era lá motorista e eu pedi-lhe, o Sr.... eu queria ser empregado do Cura, se possível até se pudesse ser p'ra oficina, e ele assim deixa tar rapaz que isso vai-se ver... não sei se foi uma terça-feira, pouco tempo

demorou, passados uns dias ele como fazia sempre uma carreira que terminava em Lanheses, saia de Viana às 8 horas e acabava em Lanheses às 8,30 da noite, era obrigado a passar o barco. Quem passava o barco era o meu tio, quem ia buscar era o meu tio, fosse de noite, fosse de Verão fosse de Inverno. Um dia vinha de lá p'ra cá diz ele ao meu tio, olha diz ao António que amanhã, era um sábado, que amanhã que vá à minha casa que tenho um recado p'ra ele. O meu tio da casa dele, havia um jnelo que da casa dele falava-se p'ra casa da minha mãe, de lá chamou p'ra minha mãe, olha diz ao António que disse o Pensais que amanhã que fosse à casa dele. E eu como já tava de orelhas, já não foi no dia de manhã fui logo, é só p'ra te dizer que segunda-feira vais trabalhar comigo p'ra Vitorino das Donas, que era p'ro fanico, levar passageiros de, começávamos aqui a primeira viagem e depois era transportar passageiros de Vitorino das Donas p'ra feira pa Ponte de Lima e assim sucessivamente. Trabalhava então 2 dias por semana, que era 2 dias por semana, ..uma semana que era a quarta-feira que era a feira de Barroselas e sexta-feira a de Viana. Na outra semana trabalhava 3 que era a feira de Ponte de Lima, que era 2ª, 4ª e 6ª. Tinha então 20 escudos p'ra cada dia e 10 escudos p'ro almoço, eu nunca levava, só fui comer a primeira vez com o falecido Pensais ao Gaio, restaurante Gaio.

[Já existia nesse tempo]

“Existia, comia-se uma posta de bacalhau com batatas.”

[Em Ponte de lima?]

“Logo ali a virar p'ra baixo, ainda existe, o Gaio.”

[Mas depois levava o farnel não é?]

“Depois levava p'ra economizar mais aquele guardava. Pronto começou então ai a história da camionete. Depois começou aumentar os dias de trabalho. Como tinha então os 20 escudos por dia e mais os 10 escudos, depois aumentou p'ra 12,50. Chegava-se no fim do mês eles começavam a fazer contas, depois já tinha uns tantos dias e tinha mais esse por fora. E os que trabalhavam de efectivo só tinha esse... começaram a ver que eu já estava a ganhar mais do que os outros que já estavam de efectivos, foi quando me meteram a efectivo. Pronto fui prejudicado cortaram-me alimentação ganhava então, depois subiu 420 escudos por mês, recebia 416, descontava-se 4 escudos p'ro sindicato. Foi assim até 1992, foi quando vim embora.”

[No seu tempo quando se passava com o barco p'ra outra margem algum se afundou?]

“Não nunca, graças a Deus nunca ninguém se afundou.”

[Como se divertia quando era pequeno?]

“Jogava ao peão, jogava à bola, jogava à macaca ou à meca, à pinha, jogava à roda, vós aqui não jogais à roda, pois não? Não sabeis jogar à roda ou à pinha, eu um dia vou-vos ensinar a jogar à pinha. É fácil, arranja-se uma pinha, cada qual com o seu pau, faz-se um buraco no chão e cada um com o seu pau, a pinha quem é que mete... uns defendem como quem defende uma baliza, uns atiram-na p’ro buraco e os outros xotam-na p’ra não deixar entrar p’ro buraco. Bilharda, jogar à bilharda. A bilharda era um pauzinho com dois bicos depois batia-se na ponta do pau... como uma raquete botava-se mais longe que era depois...”

[Temos que fazer um dia especial só para jogos tradicionais, jogos antigos]

[Qual era o barco mais caro para passar a ponte?]

“Mais caro? Era aqui em Vitorino das Donas também era a mesma coisa... mesmo preço, ultimamente era 25 tostões, 2 escudos e 50.”

[Antigamente havia televisão?]

“Não, nem rádio”

[Mas havia funis não era.... Tocar ao funil sabem o que é?]

“Quando havia uma moça que se portava mal ouvia uma funilada”

[Quando havia uma moça que se portava mal havia um cavalheiro que andava a anunciar....]

“Não, não andava anunciar. Por exemplo, era um acolá em Lanheses, outro daqui e depois cada um transmitia as suas coisas.”

[Ai as novidades da freguesia eram transmitidas por um funil... e metiam-se em cima das árvores?]

[E de noite acho que os pais obrigavam os filhos a fechar as janelas para não ouvir nada, nem as mulheres podiam ouvir, só podiam ouvir os homens.]

“Era. Ali na passagem usava-se muito, p’ra atemorizar as crianças como se deve fazer, p’ra não virem cá p’ra fora de noite que passava lá uma porca com bacorinhos de noite.”

[Como se chamam os seus pais?]

“João e Ana”

[São daqui?]

“Não o meu avô era de Cepões e a minha avó, a minha mãe de Santa Maria.”

[Em termos de rega dos campos, a água, como é que faziam para partilhar a água? Como era em questão os saneamentos, os esgotos, que agora temos, como era no seu tempo?]

“Não havia, esgotos não havia, inclusivamente os quartos de banho é muito moderno, inclusivamente os quartos de banho aqui neste meio rural é muito moderno, ainda à gente aqui em Moreira que não tem quarto de banho, ainda estamos nesta altura e há gente em Moreira que não quarto de banho.”

[Naquela altura tinha por baixo a corte da vaca não era?]

“Era um buraco e cada qual...”

[Ia directo para o mato... mas a vaca normalmente ficava por baixo..]

“Quem não tinha tinha que arranjar outro processo, sem ir p’ra corte da vaca.”

[Mas a corte da vaca normalmente ficava por baixo do sobrado, do soalho da cozinha ou da sala..]

“Eu tive muito ano, muito ano, só comecei a ter quarto de banho desde que passei p’ra casa dali, mas no tempo da minha mocidade não tínhamos tamém, tínhamos do lado do quintal uma varanda velha, uma varanda que era toda p’ra, p’ra gente passar ali tinha de olhar p’ro chão p’ra não meter os pés no buraco senão passava por baixo e atão era lá p’ra baixo que a gente fazia as necessidades, num buraco qualquer e arrumava.

[Como é que faziam para tomar banho?]

“Num alguidar, sabes como era um alguidar, sabes que é agora estas bacias de plástico grandes? aquilo era de barro, um alguidar de barro, a gente tomava banho ali, um de cada vez escondia-se p’ra tomar banho.”

“Como eram as refeições no seu tempo?]

“As refeições no meu tempo, outra muito bonita também da minha vida de casado. Tenho 6 filhos, graças a Deus, 3 rapazes e 3 raparigas, não foi com todos os seis, mas com os primeiros quatro chegamos a comer 6 do mesmo prato eu, a minha mulher e os meus filhos, daqueles pratos de barro grandes, chegamos a comer todos do mesmo prato.”

[Os pais comiam menos? Para os filhos comerem mais?]

“Mas também não se podia... comia-se muito era batatinhas e couves, muitas vezes comia-se batatas com batatas, não havia mais nada p’ra botar.”

[E o peixe do rio?]

“Eu sr. professor andei por meio dos centeios, eu andei por meio dos centeios, sabe o que são os saramagos, sabe o que são os saramagos, andei pelo meio dos centeios apanhar aquelas folhinhas dos saramagos p’ra botar na sopa, que não havia hortaliça.”

[E o peixe do rio? O rio não tinha peixe?]

“O rio tinha peixe, mas não se ia fazer a sopa com peixe.”

[Mas servia de... para comer com as batatas, nesse tempo o rio tinha muito peixe, que não tem hoje]

“Tinha pois tinha”

[Que peixe é que desapareceu agora que havia antigamente? O savel]

“Ora bom, o savel nessa altura até não vinha cá cima, o que vinha cá cima sempre era a truta e o escalo e o barbo, mas até o barbo... a boga e o iço começou a vir agora com a maré desde que o rio foi...”

[E também havia muita caça nessa altura e as pessoas também se...]

“Nem toda a gente ia a caça... no tempo de, no tempo dos pardais no inverno ali por Dezembro, Janeiro, era aqueles pardais que metiam-se nos palheiros e a gente com umas redes cercava os palheiros e com uma vara eles ficavam malhados.”

[Como é que faziam para lavar a roupa?]

“No rio, no rio as mulheres, senhoras iam ali p’ro rio juntavam-se às 3 e 4 ali cada uma no seu lavadouro a lavar a roupa no rio.”

[Não havia tanques públicos?]

“Com uma pedra, já havia muito quem usasse um lavadouro de madeira, com uns reguinhos o caixote punha debaixo dos joelhos e pegava no caixote no lavadouro e traziam e levavam quando fossem lavar a roupa.... Quando havia roupa muito suja que é que faziam, faziam uma, como é que se chama aquilo, daquela bosta do gado com borralha, em roupa que tinha muitas nódoas, punham a roupa a corar, e depois era lavada outra vez novamente,.. tirava a nódoa.”

[Se o rio nesse tempo estava muito poluído?]

“Não estava poluído é pior agora, agora é pior, bebi eu muita aguinha, bebi cabaços de água do rio Lima sem medo nenhum.”

[Que refeições faziam no barco?]

“Fazíamos de comida todos, a água era toda apanhada quando íamos, quando andávamos rio abaixo e rio acima que chegamos andar a semana inteira no rio fazíamos a comida com a própria água do rio.”

[Mas estava salgada?..]

“Via-se muitas vezes, como eu vi muitas vezes, que animais, via-se animais no rio, uns com a corda ao pescoço via-se e a gente às vezes por baixo,.... p’ra beber água.. vacas, chegava-se a ver vacas e porcos por o rio abaixo.”

[No seu tempo a construção das casas era feita pelos vizinhos ou tinham homens contratados?]

“Bem era quase sempre com ajudas uns dos outros, mas era tudo feito à mão, ali não havia máquinas a subir os materiais, para cima era tudo com a, carregar os tijolos e pedras tudo por escadas acima, a própria massa... a cabeça, não havia baldes, eu ainda cheguei andar com massa, não havia o cimento era barro e cal não havia cimento.”

[E as paredes eram feitas, como ali ainda hoje há naquela casa da passagem com tirinhas de madeira, com ripinhas?]

“Não, não só pedra.”

[Ali na passagem há uma casa cujas paredes são feitas de estuque e de ripinhas]

“De estuque também a minha casa ainda é, o tecto por dentro, as paredes são pedra.”

[... antigamente era ripado...]

“Era, havia umas ripas de madeira, que eram cheias com esse barro e cal, agora não, agora tem aquela casa grande aquela azul,....”

[No seu tempo havia moinhos de água?]

“Moinhos de água havia para moer o milho, fazer farinha.”

[Onde é que eles ficavam?]

“Aqui em cima, aqui quem vai p’ra Santa Leocádia, aqui neste regato que vai p’ra cima, havia ali 2 moinhos.”

[Mas ainda existem ou não?]

“Não já não existem.”

[Mas o senhor sabe o sitio onde eles..?]

“Sei, sei, sei onde é o sitio deles.”

[Ainda deve haver lá alguns vestígios, pedras, alguma parede?]

“É capaz de haver porque havia aquelas, onde faziam aquelas represas de água, não sei mas ainda deve ter aquelas, como se fossem por exemplo uns tanques...”

[A paisagem mudou muito daquele tempo para agora?]

“Se mudou muito a paisagem? Mudou muito, muito, não era nada assim, mudou muito, basta aqui este areal a água vinha aqui a beira do cais, não havia ali areia nenhuma.”

[O rio era muito menos profundo?]

“Do lado de lá havia areia, a água encostava mais p’ro lado daqui.”

[Encostava na margem direita e então o leito é do lado esquerdo, mas era sempre muito baixo, no verão podia-se passar a pé?]

“Em sítios, em sítios, outros sítios não.”

[Mudou muito quando começaram a tirar areia]

“Tinha muita areia.”

[Em que altura começaram aqui a retirar areia Sr. António?]

“Não me lembro Sr. professor, quem andou ali primeiro daquele lado foi com uma arrastadeira um tal Augusto Badalheiro, era Augusto Badalheiro que andou com uma arrastadeira que tinha um... não sei...”

[Houve aqui acidentes muito graves, perderam-se aqui muitas vidas, rapazes ali de Esposende...]

“Não, só me lembra de terem, apareceu aqui um já afogado, mas que morreu aqui foi um cunhado da Cristina.”

[Não foi num poço do rio?]

[Porque é que a maré antigamente não subia até cá cima e agora sobe?]

“Porque agora não há tanta areia antigamente havia muita areia e a maré passava era por baixo da areia agora não há pouca areia e a maré passa por cima percebeste?”

[Daqui desta zona toda envolvente, há algum local que seja muito especial para o senhor por algum motivo? Que guarde assim na lembrança, que lhe traga boas recordações?]

“Para dizer a verdade, mais bonito mais bonito que o da passagem não há.”

[Esta zona toda aqui tem muitos locais bonitos]

“Eu nesse aspecto sou invejoso.”

[Como teve muitos trabalhos podia ser que algum deles fosse muito especial por algum motivo]

“Não...”

[No seu tempo quem fizesse algum mal era preso?]

“Claro que tinha que ir. Agora até se vai preso quem não faz mal pior aquele que faz, é muito melhor não fazer mal, porque se fazes mal não esperes o bem.”

